

ACERTOS E DESACERTOS EM DICIONÁRIOS BILÍNGÜES PORTUGUÊS-ESPAANHOL/ESPAANHOL-PORTUGUÊS

Vera Lúcia do AMARAL*

RESUMO: A partir de um corpus constituído por dez dicionários bilíngües e da análise de suas macro e microestruturas, apresentam-se algumas constatações que justificam os cuidados a tomar no uso de dicionários português-espanhol/espanhol-português. Com o intuito de enriquecer o material analisado, são enumeradas algumas sugestões que podem vir a servir a lexicógrafos interessados em melhorarem o aporte no setor dos bilíngües do português/espanhol.

UNTERMOS: Lexicografia; dicionário bilíngüe; espanhol-português; tradução.

Resolvi, fundamentalmente por uma questão didática, explorar, com alguns instrumentos teóricos, o solo árido da lexicografia bilíngüe para poder melhor justificar, junto aos meus alunos, a negativa freqüente ao uso de um dicionário espanhol-português ou português-espanhol, quando me solicitavam a indicação de um “bom dicionário” desse tipo.

Não que desconheça o valor de um dicionário como material didático (Alvar Ezquerro, 11; Rey-Debove, 20; Martínez Almoyna, 7), e um bilíngüe sempre é mais acessível (ou menos impossível) ao bolso do aluno do que um monolíngüe em língua estrangeira.

É que, na verdade, o que os alunos solicitam e o que nós, professores de espanhol, gostaríamos de ter em mãos é um dicionário que ainda não existe, ou seja, aquele que apresente as características citadas por Debyser (14), quando diz o que entende por *melhores dicionários bilíngües*: “os mais completos, os mais exatos, os mais claros e os mais práticos ao usuário que espera dispor de informações precisas, que espera saber as formas das palavras, seus sentidos e os contextos nos quais elas aparecem” (p. 37).

Como se vê, este usuário não espera as informações de um glossário, onde o que existe é a correspondência de palavra a palavra, porque, como diz o autor, “/.../ pour comprendre les valeurs d’emploi d’un terme, il est utile de le voir employé, /.../” (p. 38). Conclui o autor que “Un dictionnaire qui répond à ces attentes, ou pour parler

* Departamento de Letras Modernas–Instituto de Letras, História e Psicologia–UNESP – 19800 – Assis – SP.

plus simplement qui rend ces services, est un dictionnaire bien fait; dans le cas contraire c'est un mauvais dictionnaire qui trompe l'utilisateur." (p. 38).

Com a análise que faço em seguida do *corpus*, ficará comprovada a afirmação anterior: ainda não dispomos de um dicionário bilíngüe "bem feito", no conceito de Debyser acima referido.

Trabalhei com dez dicionários, sete autores: três dicionários do espanhol-português/português-espanhol, seis do espanhol-português e um do português-espanhol, como segue:

1. BECKER – *Dicionário Espanhol-Português/Português-Espanhol* (1987) – /B ep-pe/*;
2. BECKER – *Dicionário Popular Espanhol-Português* (1951) – /Bpop ep/;
3. BECKER – *Pequeno Dicionário Espanhol-Português* (1945) – /Bpeq ep/;
4. D'ALBUQUERQUE – *Dicionário Espanhol-Português* (s.d.) – /D ep/;
5. HAMILCAR DE GARCIA – *Dicionário Espanhol-Português* (1958) – /H ep/;
6. MARQUES – *Novo Dicionario Hespanhol-Portuguez* (1897) – /M ep/;
7. MARTINEZ ALMOYNA – *Dicionário de Espanhol-Português* (1974) – /MA ep/;
8. ORTEGA CAVERO – *Diccionario Portugués-Español* (1985) – /OC pe/;
9. ORTEGA CAVERO – *Diccionario Portugués-Español/Español-Portugués* (1977) – /OC pe-ep/;
10. VIQUEIRA BARREIRO – *Diccionario Español-Portugués y Portugués-Español* (1961) – /VB ep-pe/.

Pela introdução, prólogos, notas com os quais ora os autores ora os editores saúdam o leitor, percebe-se imediatamente que a qualidade de "completo" sim, todos dizem tê-la, mas quanto às de "claro" e "exato", ao contrário, os textos mostram que não.

De fato, ao mesmo tempo que procuram oferecer tudo, não especificam nada com exatidão – nem sequer o número preciso de verbetes** com que trabalham (o usuário não sabe se está diante de um dicionário do tipo *thesaurus* – mais de 100.000 verbetes –, do tipo *médio* – 40 a 50 mil – ou *inframédio* – 30 mil verbetes***).

As citações falam por si:

- D ep* – “É só ver a extensão do presente trabalho, no qual estão catalogadas milhares de expressões jamais acolhidas em dicionários similares, com o levantamento quase completo das gírias correntes, do México à Patagônia. (...) habilitando quem quer que seja a entender uma página clássica do Amadis de Gaula e uma canção telúrica de Pablo Neruda, o pensamento místico de São João da Cruz e a lírica atormentada de Alfonsina Storni.” (nota da Editora, p. 5).

* Identificação que será usada ao longo deste texto. O primeiro bloco de iniciais refere-se ao autor e, quando necessário, ao título. O segundo bloco, ao sentido do dicionário “ep” = espanhol-português, “pe” = português-espanhol.

** “Verbetes” está sendo usado tal como o define Ferreira (15, p. 1764): “o conjunto das acepções e exemplos respeitantes a um vocábulo”.

*** Tipologia dada por Biderman, 12, p. 7.

À página 19, o autor esclarece que, além dos americanos, dicionarizou lunfardismos ocorrentes em Buenos Aires, termos da “germanfa” ou do “caló” espanhol e da “jerga” de diversos países.

Bpeq ep – pretendeu “(...) enfeixar todos os mais diversos aspectos lexicológicos, tendo em vista não só o espanhol peninsular e o castelhano da América, como também (quando conveniente) o português de Portugal e o do Brasil, nas suas diversas modalidades, (...)”

A nota ao leitor ainda relaciona:

“neologismos, barbarismos, gíria, regionalismos de uso freqüente embora não registrados pela Real Academia Espanhola, expressões lusas de cunho clássico, frases proverbiais, locuções populares ou brasileirismos das diferentes regiões, termos técnicos, hispano-americanismos.”

M ep (6) – o autor caracteriza o dicionário como de “fácil manuseio” e compreendendo “simultaneamente todos os vocábulos conhecidos na língua espanhola.” (em “Advertência”, 1º tomo).

“Contendo todos os vocábulos, frases e locuções usados não só em Espanha, mas ainda em toda a América espanhola, e bem assim todos os termos de ciências, artes, indústrias etc. (...)” (2º tomo).

MA ep (7) – “No solo están recogidos múltiples neologismos (...) y los vocablos y modos usuales y populares de hablar, sino también aquellos arcaísmos y voces algo desusadas, que tienen, (...), un indudable interés histórico o literario (...)” (Prólogo da 1ª edição).

OC pe (8) – “El lector (...) hallará desde la última palabra admitida por las Academias de la lengua, hasta los más recientes términos científicos o de argot.” (Prefácio de Júlio da Conceição Fernandes, da Sopena; 1977 e 1985).

VB ep-pe (10) – “(...) con una riqueza de más de ochenta mil palabras vivas y actuales (...)” (p. VIII).

Como se percebe, os lexicógrafos em questão parece que não se dão conta de que, como diz Rey-Debove (1984), “O léxico total é um conjunto ideal que se perde na indeterminação e que nenhum dicionário jamais pôde descrever *in extenso*.” (p. 58-9)*.

Além de Viqueira Barreiro, fazem referência numérica aos verbetes, ainda que de modo não exato, Tenório D’Albuquerque (mais de 15 mil americanismos) (4), Idel Becker em seu *Pequeno Dicionário* (3) (40.000 vocábulos, 10.000 hispano-americanismos, 5.000 notas remissivas – não se sabe se os 10 mil estão incluídos nos 40, mas, de qualquer modo, já se trataria de um dicionário de tipo médio, não correspondendo o adjetivo “pequeno” do título) e Ortega Caveró (8), português-espanhol (160.000 entradas, 70.000 expressões idiomáticas, 400.000 acepções) e português-espanhol/espanhol-português (80.000 artigos em cada parte). (9)

* “Léxico total” é o constituído por todas as palavras empregadas por todos os usuários (a reunião dos idioletos).

Ainda no início de todos eles, exceto no dirigido por Henrique Marques, há referências à gramática das duas línguas com o objetivo de facilitar a compreensão do português e do espanhol, principalmente no que diz respeito à grafia e à prosódia. Esta seria uma atitude acertada dos lexicógrafos em referência, caso não se observassem as ausências e alguns erros graves enumerados em seguida:

1. Com relação à *grafia*, o que há em comum é a advertência ao leitor brasileiro ou português quanto à ordem alfabética em espanhol. Tenório D'Albuquerque e Henrique Marques são os únicos que não a mencionam (cf. 4 e 6).

“Ch”, “ll” e “ñ”, ao serem considerados como letras (e não duplos, como no caso de “rr”), seguem as letras “c”, “l” e “n” em todos os dicionários, exceto em Henrique Marques (6), que os considera como duplos e os intercala. Contudo, elimina o “ch” inicial, ou seja, da letra “c” passa à letra “d”. Para se ter uma idéia da omissão, isso poderia significar aproximadamente 1.100 verbetes menos num dicionário da língua espanhola. Tomando-se como base o *Pequeno Larousse Ilustrado* (este dicionário tem 14 páginas para a letra “ch” e traz, em média, 80 verbetes por página, o que daria um total de 1.120 verbetes), nota-se que a omissão é bem significativa.

Às vezes o próprio desejo de minúcia acaba levando à confusão. É o caso do alerta que faz Becker, em seu *Pequeno Dicionário*, para a quantidade de letras em espanhol – 29 minúsculas e 28 maiúsculas –, sem informar que se reduz uma letra maiúscula porque não se iniciam palavras com “r” em espanhol.

Já Ortega Cavero, ao apresentar o alfabeto espanhol, elimina a grafia “r” (8, p. 933)**).

O que se observa aqui é um reflexo do impasse dos gramáticos. Os lexicógrafos poderiam expor a situação como não resolvida pelos próprios gramáticos. Estariam, dessa forma, prestando uma grande ajuda didática aos usuários de seus dicionários e, ao mesmo tempo, resguardando-se de críticas negativas ao seu trabalho.

Estes autores poderiam também alertar os falantes do português sobre a não separação silábica do “rr” e do “ll”, e os falantes do espanhol quanto à existência da grafia “ss” em português; mas não o fazem.

2. Quanto às *informações prosódicas*, Idel Becker (*ep-pe* (1) e *pop ep*) (2), Tenório D'Albuquerque (4) e Hamilcar de Garcia (5) são os únicos que assinalam os heterotônicos. Entretanto, de três palavras escolhidas ao acaso, para comprovação junto à microestrutura dos dicionários*, “democracia”, “nostalgia” e “academia” (crá, tál e dê, respectivamente), D'Albuquerque deixa de informar sobre esta última e Hamilcar

* Garcia-Pelayo y Gross, 16, 1.663 páginas e 60 mil verbetes.

** Seco (22), sobre a questão de considerar ou não o “rr” uma letra, refere-se a Cuervo e a Ragucci que “han propuesto que se considere la grafía RR como una letra, a efectos de alfabetización en diccionarios y ficheros, igual que se hace con la CH y la LL. A mi juicio, lo que conviene hacer es lo contrario: quitar a éstas también la categoría de ‘letras’ que en nuestro abecedario ostentan.” (p. 300).

*** Alvar Ezquerro (11), ao falar sobre o conteúdo dos dicionários bilíngües, distingue a macroestrutura (sentido vertical) da microestrutura (sentido horizontal). Caberia na primeira uma relação do tipo: americanismos, vozes familiares, gírias, termos técnicos e científicos e na segunda: sinônimos, explicações, exemplos, frases, modismos, informações sobre categoria gramatical, separação silábica, pronúncia, usos etc.

Garcia não traz a primeira nem a última, cometendo uma incoerência no tratamento das palavras que chama “idênticas”. Diz o autor: “As palavras que em espanhol e português têm grafia e sentido idênticos, e uma pronúncia apenas diferenciada no acento peculiar a cada um dos idiomas, não figuram neste dicionário. São porém consignados os homógrafos cuja acepção varia, ainda que ligeiramente, numa ou noutra língua, ou têm regime diverso.” (p. VI). Sendo assim, compreende-se por que a omissão de “democracia” e de “academia”, mas não a inclusão de “nostalgia” e de “policía”, por exemplo, simplesmente para informar que em português correspondem a “s.f. Nostalgia” e “s.f. Polícia (em todas as suas acepções).” Se não há nada diferente, por que dicionarizá-las?

Ainda com relação à prosódia, Viqueira Barreiro poderia ter evitado as “informações” que seguem: (cf. 10)

- sobre as vogais espanholas: “(...) podem considerar-se sempre abertas. (...) mais abertas que em português (...).” (p. 3). Estaria falando, naturalmente, do português de Portugal, uma vez que as vogais “e” e “o” são, na realidade, mais fechadas em espanhol;
- sobre o “grupo *ch*, que em espanhol é uma letra independente, pronuncia-se como em inglês, isto é, mais forte que o *ch* português. Basta ouvi-la uma vez.” (p. 3). Por que não recorreu à transcrição fonética?
- “O *g* tem também dois sons. (...) seguido de *e*, *i*, tem um som gutural forte, como se fosse um *h* inglês muito aspirado. Também é preciso ouvi-la.” (p. 3);
- “O *s* pronuncia-se, praticamente falando, como em português. As distinções fonéticas científicas não interessam agora.” (sic) (p. 4).

3. Mas são as informações de *ordem semântica e morfossintática* que, quando vêm à tona, mais “desinformam”. Ortega Cavero (1977 e 1985), ao relacionar vários paradigmas de classes gramaticais de forma contrastiva, comete grande e grave quantidade de erros. Grave exatamente porque a seleção feita é pertinente: são palavras, na maioria falsos cognatos, que passam a ser um obstáculo ao falante do português e ao falante hispânico quando estão diante do espanhol e do português, respectivamente. Sendo pertinente, seria um acerto a referida seleção; entretanto, o autor diz exatamente o que não é para ser dito, reafirmando o erro do aprendiz. Cito alguns deles, indicando a paginação da edição de 1985 (8):

- Advérbio de afirmação:

- Outrossim – Otrosí (p. 35)

“Otrosí” somente é usado em linguagem forense (Cf. María Moliner, 18, p. 595). A correspondência seria com o termo “asimismo” ou “además” em espanhol.

- Expressões prepositivas:

- junto de – junto de (p. 36)

O correto seria “junto a” em espanhol. Com a preposição *de* a locução que se forma reflete a interferência do português no aprendizado do espanhol, “junto de” não existe nesta língua.

● **Conjunção:**

- ora – ahora (p. 36)

“Ahora” não é conjunção, é advérbio de tempo, significa “agora” em português. Se o autor relacionasse “ora...ora” com “ahora...ahora”, então estaria acertando.

- todavía – todavía (p. 36)

“Todavía” não é conjunção em espanhol, é advérbio, significa “ainda”. O correspondente para “todavía”, conjunção portuguesa, seria “sin embargo, pero, mas, no obstante” em espanhol.

- embora – en hora buena (p. 36)

A expressão “en hora buena” ou “enhorabuena”, como é mais usada, significa “parabéns”.

Selecionei apenas os exemplos mais gritantes; existem, entretanto, muitos outros, como o caso de considerar *cedilha* um acento (p. 8-9) ou ainda dizer que o acento grave continua existindo “en adverbios terminados en *-mente*, que provienen de palabras que tengan acento agudo: Ej. diariamente”. (p. 9).

Tenório D’Albuquerque (4), em sua extensa introdução, também menciona diferenças entre o português e o espanhol, atendo-se mais às de sentido. De sua numerosa lista de falsos cognatos, recolhi as explicações de três: “abono”, “oficina” e “vaso”, que significam coisas diferentes em ambas as línguas, levando-se em conta, principalmente, a frequência de uso de determinadas acepções.

É interessante notar que os significados dados na introdução não são respeitados nas informações de cada verbete, como se o autor daquela fosse um e o pesquisador para os verbetes, outro.

Assim, ele adverte, na introdução, que *abono* “em português e em castelhano são coisas muito distintas. Em espanhol é um fertilizante para a terra. Em português é o adiantamento de dinheiro que se faz a um empregado ou o ato de afiançar uma assinatura.” (p. 23). Mas, na microestrutura do dicionário, a palavra em espanhol não é tratada como adubo a não ser após uma explicação e quatro sinônimos que têm a ver com o universo econômico: “s.m. Ação e efeito de abonar ou abonar-se, abono, fiança, segurança, garantia, substância com que se aduba a terra, adubo.** (p. 44).

Oficina, continua dizendo o autor, “em geral, são coisas diferentes em português e em espanhol. Para nós, *oficina* é somente o local coberto onde trabalham os obreiros. Nunca o vocábulo é empregado com o significado de: ‘Departamento donde trabajan los empleados públicos o particulares. Parte o paraje donde se fragua y dispone una cosa material’, como doutrina a Academia Espanhola. Para nós, *oficina* é justamente onde se faz uma coisa material. Onde trabalham os empregados públicos é es-

critório que, em português, não tem sentido de ‘papelera y escribanía’. Com este sentido empregamos o vocábulo *secretária*.” (p. 23).

Ou seja, se um brasileiro quisesse saber o que é “oficina” em espanhol, deveria encontrar, em português, algo relacionado com “escritório”, já que “oficina” em português não é o mesmo que “oficina” em espanhol. Contudo, a primeira informação que nos dá D’Albuquerque, após a classe gramatical e o gênero da palavra “oficina”, é exatamente “oficina” (p. 965).

O mesmo acontece com *vaso*: “Em português e em castelhano, é coisa muito diferente. O que em espanhol se denomina *vaso*, designamos por *copo*. Dizemos um *copo* de cerveja. Um *copo* de vinho e nunca um *vaso*.” (p. 22). Entretanto: *vaso* – “s.m. Vaso, copo. (...)” (p. 1336).

Antes de passar efetivamente aos comentários sobre o observado na macro e na microestrutura dessas obras, uma última palavra sobre o seu entorno: não se encontram referências bibliográficas em nenhum dos dicionários estudados.

Idel Becker (3) e D’Albuquerque (4) se referem à 16. ed. do Dicionário da Real Academia Espanhola e Martínez Almoyna (7), ao Dicionário Manual da Real Academia como base para seus trabalhos. D’Albuquerque fala de consulta a mais de duzentas obras (em outro momento de sua introdução fala em trezentas obras) sobre americanismos. Pode-se pensar na enorme contribuição aos estudantes da língua espanhola (professores e alunos) se pudessem ter contato com essas referências bibliográficas, caso o autor as tivesse arrolado?

Se são somente estas as indicações de dicionários de espanhol, as consultas a dicionários de português nem são mencionadas.

Outra ausência a se lamentar é a do que constituiu o *corpus* lingüístico para a confecção dos dicionários. Que jornais, revistas, autores da língua portuguesa e da língua espanhola foram consultados?

Com relação à análise da macro e microestrutura propriamente ditas dessas obras, norteou-me a pergunta: o que se espera encontrar num dicionário bilíngüe?

Rastreei a resposta a esta pergunta, seguindo os três elementos fundamentais que comportariam um programa de informação sobre cada unidade léxica: o componente gráfico e fônico, o componente sintático e o componente semântico (Cf. Rey-Debove, 20, p. 66).

– *O Componente Gráfico e Fônico* – a menção da palavra com sua grafia seguida de sua pronúncia:

Hamilcar de Garcia é o único dos autores pesquisados que faz acompanhar da pronúncia, que chama de “figurada”, as palavras escritas com *D* final, *Ch*, *Ge*, *Gi*, *J*, *Ll*, *S*, *X*, *Y*, *Z*. Apesar de não esgotar a lista (não trabalha com o *R*, nas diferentes posições, com o *Rr* nem com o *Ñ*, por exemplo), procurou ser coerente com o plano a que “(...) obedece este dicionário (...) fornecer ao consulente a grande massa do vocabulário espanhol, encarada, sempre que possível, do ponto de vista das dificuldades encontradas pelo aluno de fala portuguesa.” (p. V).

– *O Componente Sintático* – a classe da palavra e eventual gênero e número:

Os dicionários apresentaram lacunas nas definições que pediriam esclarecimentos quanto ao número e ao gênero. Por exemplo, quanto ao número, somente Hamilcar de Garcia faz referência ao fato de termos como “pantalón” e “tijera” serem mais usados em sua forma plural; mas nenhum autor alerta quanto à modificação prosódica na mudança de número em palavras como “carácter”/“caracteres”, “régimen”/“regímenes”, por exemplo. Quanto ao gênero, também somente Hamilcar de Garcia tem o cuidado de anotar a diferença semântica entre “el mar” e “la mar”, por exemplo.

– *O Componente Semântico* – a definição ou análise do significado:

Eis aqui a debilidade máxima dos bilíngües do português-espanhol/espanhol-português. Que o aluno, ao consultar o dicionário, não perceba que “protótipo” em português é “prototipo” (paroxítona) em espanhol, ou que, ao procurar a palavra “bajo”, encontre uma observação do tipo “são solecismos – el aspecto, – el punto de vista” etc., e não haja no mesmo dicionário (Idel Becker, 1945) o vocábulo “solecismo”, ainda não seria tão alarmante como se quando procurasse “acreditar” em espanhol, encontrasse, como primeira acepção, “acreditar” em português, “vaso”/“vaso”, “abono”/“abono”, “oficina”/“oficina”, “largo”/“largo”, “cachorro”/“cachorro” ou “salsa”/“salsa”^(*); ou que em “refletir” em português não lesse, pelo menos, duas acepções diferentes, correspondendo a “reflejar” e “reflexionar” em espanhol.

Nossos bilíngües, contudo, têm falhas exatamente onde não poderiam tê-las: no tratamento dos falsos cognatos – a grande armadilha, no emprego do léxico, para os aprendizes das duas línguas irmãs.

Os falsos cognatos, bem como a polissemia, podem pôr a perder o trabalho lexicográfico. Se os autores aqui observados colocassem exemplos, contextualizando suas definições, ampliariam a margem de confiabilidade às suas obras.

Mas eles também não foram felizes no tratamento da ordem das acepções e das indicações gráficas que as separam: uma simples vírgula ou um ponto e vírgula ou barras entre equivalentes que não são intercambiáveis não é uma prática satisfatória.

Dos dez dicionários, somente um traz no prólogo uma explicação sobre a ordem das acepções: o de Idel Becker (2) – “a acepção que figura em primeiro lugar é, muitas vezes, a mais comum, a mais usual. E vêm, a seguir, formas menos frequentes.”

Mas qual o critério para identificar qual acepção é mais usual que outra? Nenhum dos autores esclarece os critérios para as classificações que dizem respeito ao *uso* – o que D’Albuquerque qualifica de “vulgar” seria “vulgar” para Viqueira Barreiro, por exemplo? –, entretanto, todos eles fazem indicações de uso como “familiar”, “antigo

* Hamilcar de Garcia (5) dá a estas últimas (“cachorro” e “salsa”) tratamento diferenciado, mas ainda insuficiente: “cachorro (cachorro) s.m. Cachorro (cria de certos animais).” (p. 172) e “salsa s.f. Molho, salsa.” (p. 585).

e/ou antiquado”. Em nove deles há “figurado” e “vulgarismo”; sete apresentam a indicação de “popular”, “pouco usado”, “retórica” e “irônico”; cinco consideram o “pejorativo”; quatro dos dicionários referem-se ao “arcaico” e “desusado”; três deles trabalham com “despectivo”, “germanismo”, “gíria”, “regionalismo” e “burlesco”; dois, com “barbarismo”, “plebeísmo” e “depreciativo” (Cf. Quadro I, apêndice).

Se a função da classificação é, como diz Osselton (19, p. 120), “(...) to enable the compiler to go a little bit further than he would otherwise dare; (...)”, é necessário que o usuário tenha absoluta confiança na informação trazida pelo dicionário e, se não há critérios explícitos para essa rotulagem, é pouco provável que ele se sinta seguro para “ir um pouco mais além”.

Também, como sugere Schmitz (21, p. 396), o uso de rótulos como “gíria”, “informal”, “coloquial”, “vulgar” deveria ser revisado periodicamente.

A título de ilustração, recolhi as classificações para “pisante” e “desosada”(*), encontrando três rótulos diferentes nos cinco dicionários que continham essas palavras: “*germanla*” (gíria própria dos ciganos) em OC ep, MA ep, M ep; *gíria* simplesmente, em Bpeq ep e *plebeísmo* em D ep.

Ainda sobre o componente semântico, considerando a macroestrutura dos dicionários analisados, com exceção de Viqueira Barreiro, todos os autores prefaciam suas obras dizendo trabalhar com *americanismos*.

Se o espanhol peninsular já é bastante complexo devido à diversidade dialetal das suas dezessete regiões(**), que dirá trabalhar com o espanhol dos dezoito países americanos de fala hispânica? Significaria, no mínimo, estar fazendo um dicionário bilingüe voltado só para *americanismos*. Um trabalho, sem dúvida, muito árduo, que exigiria muito fôlego e tempo, visto que nem mesmo há um monolíngüe que abarque todas as falas hispânicas.

Nesse sentido, é muito pertinente a crítica de Haensch (17), ao referir-se aos *americanismos* no *Diccionario de la Real Academia Española* (DRAE): “A la luz de nuestras experiencias personales, podemos asegurar que muchos de los *americanismos* que figuran en el DRAE, ya no se usan o tienen una extensión geográfica o acepciones diferentes que las indicadas, mientras que muchos *americanismos* hoy en día muy corrientes aún no figuran en el DRAE. (...). A veces palabras que aparecen en el DRAE con la marca “América” (sin restricción) no se usan en todos los países americanos, (...). Otras veces se dan *americanismos* que ya no lo son, (...).” (p. 246-7).

Além da extensão do domínio do espanhol no continente, o autor se refere a outros dois fatores que dificultam a codificação do léxico do espanhol da América: a desigualdade de fontes disponíveis e a diversidade de critérios dos hispano-americanos na apreciação do léxico de seus diversos países.

* “Pisante” – com sentido de pé ou sapato; “desosada” – refere-se à língua.

** A Espanha está dividida, pelo mapa administrativo que vigora desde 1983, em 17 regiões autônomas: Galícia, Astúrias, Cantábria, País Basco, Navarra, Catalunha, Rioja, Aragão, Castilha-Leão, Castilha-A Mancha, Madri, Comunidade Valenciana, Baleares, Múrcia, Extremadura, Andaluzia e Canárias.

Portanto, o caráter geral no tratamento dado aos americanismos pelos lexicógrafos em questão depõe contra seus dicionários bilíngües.

Por último, anoto que estes dicionários não registram acrônimos, siglas, formas elípticas ou palavras truncadas^{*}, “tão características de nossa época”, como diz Haensch ao defender sua inclusão num dicionário para que ele atinja sua finalidade: “(...) ayudar al usuario a descodificar enunciados lingüísticos (o en otros casos a producirlos), /.../.” (p. 241).

No Quadro II (v. apêndice) estão indicadas outras ausências não comentadas aqui, como as de prefixos, sufixos e antônimos, que, se preenchidas, enriqueceriam nossos dicionários bilíngües.

Quando intitulei este trabalho de “*Acertos e desacertos em dicionários bilíngües português-espanhol/espanhol-português*”, esperava relacionar, sem dúvida, um número maior de acertos do que o aqui encontrado. Infelizmente isso não foi possível. E observei que não é só o caso do espanhol/português que está mal resolvido lexicograficamente, como indicam os estudos de Schmitz, 21 (que trabalha com dicionários bilíngües do inglês/português); Debyser, 14 (francês/italiano) e Darbelnet, 13 (francês/inglês).

Para finalizar, enumero em seguida algumas sugestões com o intuito de enriquecer o material analisado:

1. justificando em parte o progresso da França na Lexicografia, pelo fato de esse país publicar cada vez mais dicionários com uma só finalidade, Haensch (17, p. 244) sugere que se “(...) publiquen también grandes diccionarios generales, con un equilibrio en la selección de unidades léxicas y rigurosa clasificación de las distintas acepciones, pero estos diccionarios deberían tener, por lo menos, una finalidad básica, por ejemplo, diccionario extensivo o diccionario de uso, etimológico o histórico, normativo o descriptivo, general o especializado etc.”. Os bilíngües, sem deixar de ser extensivos, poderiam – ou melhor, deveriam – selecionar o seu léxico em função do seu público, evitando agradar a todos, para agradar muito a um;
2. como atitude coerente com a primeira, o lexicógrafo deveria explicitar seus critérios de seleção do léxico (Espanhol de onde? Português do Brasil e/ou de Portugal? Que subléxicos^{**}?), seus critérios para a ordenação de acepções, e de classificação para rotular os vocábulos quanto ao uso (familiar, vulgar, antiquado etc.);
3. os dicionários deveriam apresentar fontes bibliográficas;
4. o lexicógrafo deveria especificar o porte do dicionário, dando o número de entradas em português e em espanhol;

* P. ex.: “E.G.B.” (Enseñanza General Básica), “BUP” (Bachiller Unificado y Polivalente), “la patronal”, “bici”, “cole”, “profe”.

** Rey-Debove (20, p. 59) cita quatro tipos de subléxicos no interior do léxico total: das *línguas regionais* (onde estariam os americanismos, p. ex.); das *línguas sociais* (onde apareceriam as gírias, p. ex.); das *línguas temáticas* (termos técnicos, literários, jurídicos etc.); e o subléxico das *línguas de gerações* (arcaico, antigo etc.).

5. além de definições, sinônimos e antônimos, o lexicógrafo deveria incluir exemplos, comentários comparativos e o(s) sentido(s) que a palavra não tem (para evitar ao máximo o risco de interferência lingüística), principalmente no verbete de vocábulos polissêmicos*);
6. o lexicógrafo deveria fornecer informações mais completas em relação aos verbos: sua regência, locuções, notas sobre o aspecto, demonstrando não ignorar a incidência da gramática sobre a semântica;
7. deveria reservar maior atenção no tratamento dos falsos cognatos;
8. usar indicações gráficas claras, fazendo distinções entre o que não é intercambiável;
9. atualizar o dicionário constantemente.

As críticas valem pela sua intenção. A minha foi a de despertar o desejo dos cientistas do léxico de melhorarem o aporte lexicográfico no setor dos bilíngües do português/espanhol, para que tanto alunos como professores, tradutores, pesquisadores, usuários de uma forma geral possam expressar-se e compreender-se melhor nas duas línguas.

AMARAL, V. L. do – Adjustments and misadjustments in bilingual Portuguese-Spanish/Spanish-Portuguese dictionaries. *Alfa*, São Paulo, 33: 115-128, 1989.

ABSTRACT: Based on a classroom experience, we want to demonstrate that the use of bilingual dictionaries (Portuguese-Spanish/Spanish-Portuguese) must be carefully oriented. This research is meant not only to teachers, students and translators but also lexicographers who intend to publish bilingual dictionaries in these languages.

KEY-WORDS: Lexicography; bilingual dictionary; Spanish-Portuguese; translation.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Do corpus:

1. BECKER, I. – *Dicionário Espanhol-Português/Português-Espanhol*. 11. ed. 2ª reimp. São Paulo, Nobel, 1987. 371 p.
2. BECKER, I. – *Dicionário Popular Espanhol-Português*. 2. ed. São Paulo, Nacional, 1951, 159 p.

* Sobre o *exemplo*, Rey-Debove (20, p. 66-7) diz que se destina (...) a mostrar a palavra definida em funcionamento e, em suma, a ministrar provas do que se acaba de afirmar." Sobre a *definição*, para a autora, o recurso só é "(...) em verdade necessário quando aquilo que tem nome numa língua não o tem na outra; (...)." Também para Darbelnet (13, p. 92), "Le problème que tout dictionnaire bilingue doit résoudre n'est pas, /.../ un problème de définition, mais d'équivalence entre les mots et les tours des deux langues considérées. /.../, les correspondances qui s'établissent d'une langue à l'autre ne reposent pas nécessairement sur un découpage identique de la réalité, et c'est de ces différences de découpage qu'il importe de tenir compte en rédigeant les articles d'un dictionnaire bilingue."

3. BECKER, I. – *Pequeno Dicionário Espanhol-Português*. São Paulo, Nacional, 1945, 516 p.
4. D'ALBUQUERQUE, A. T. – *Dicionário Espanhol-Português*. Belo Horizonte, Itatiaia, s.d. 2 v. 1.377 p.
5. GARCIA, H. de – *Dicionário Espanhol-Português*. 1. ed. 6ª imp. Rio de Janeiro, Globo, 1958. 696 p.
6. MARQUES, H. (dir.) – *Novo Dicionário Hespanhol-Portuguez*. Lisboa, Antonio Maria Pereira, 1897. 2 t. 937 p. e 820 p.
7. MARTINEZ ALMOYNA, J. – *Dicionário de Espanhol-Português*. 2. ed. Porto, Porto, 1974. 1.058 p.
8. ORTEGA CAVERO, D. – *Diccionario Portugués-Español*. Barcelona, Ramón Sopena, 1985. 638 p.
9. ORTEGA CAVERO, D. – *Diccionario Portugués-Español/Español-Portugués*. Barcelona, Ramón Sopena, 1977. 1.856 p.
10. VIQUEIRA BARREIRO, J. M. – *Diccionario Español-Portugués y Portugués-Español*. Madrid, Aguilar, 1961. 1.220 p.

2. Dos autores citados:

11. ALVAR EZQUERRA, M. – Los diccionarios bilingües: su contenido. *Lingüística Española Actual*. Madrid, ICI, III (1): 175-96, 1981.
12. BIDERMAN, M. T. C. – A ciência da lexicografia. *Alfa*, São Paulo, UNESP, 28 (supl.): 1-26, 1984.
13. DARBELNET, J. – Dictionnaires bilingues et Lexicologie Différentielle. *Langages*. Paris, 19: 92-102, 1970.
14. DEBYSER, F. – De meilleurs dictionnaires bilingues? *Le Français dans le monde*. Paris, 159: 37-42, 1981.
15. FERREIRA, A. B. de Holanda – *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. 4ª reimp. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986. 1.838 p.
16. GARCIA-PELAYO Y GROSS, R. – *Pequeño Larousse Ilustrado*. Paris, Larousse, 1978. 1.663 p.
17. HAENSCH, G. – La lengua española y la lexicografía actual. *Lingüística Española Actual* – Madrid, ICI, IV (2): 151-207, 1982.
18. MOLINER, M. – *Diccionario de uso del español*. Madrid, Gredos, 1979. 2 v. 1.446 p. e 1.585 p.
19. OSSELTON, N. E. – Some problems of obsolescence in bilingual dictionaries – *Exeter Linguistic Studies*. 4: 120-6, 1979.
20. REY-DEBOVE, J. – Léxico e dicionário. *Alfa*. São Paulo, UNESP, 28 (supl.): 45-69, 1984.
21. SCHMITZ, J. R. – Suggestions for improving bilingual dictionaries of English and Portuguese. *Anais do ENPULI*. São Paulo, PUC, 2: 384-400, 1984.
22. SECO, M. – *Diccionario de dudas de la lengua española*. 8. ed. Madrid, Aguilar, 1982. p. 300.

APÊNDICE

QUADRO I(*)

USOS	Bpop ep	Bpeq ep	B ep- -pe	OC pe pe-ep	D ep	MA ep	M ep	VB ep-pe	H ep
antigo, antiquado	+	+	+	+	+	+	+	+	+
arcaico	-	-	+	-	+	+	-	+	-
barbarismo	-	+	+	-	-	-	-	-	-
burlesco	-	-	-	+	-	-	-	+	-
desusado	+	+	+	-	-	+	-	-	-
despectivo	-	-	-	+	-	-	-	+	-
depreciativo	-	-	-	-	-	+	-	-	+
familiar	+	+	+	+	+	+	+	+	+
figurado	+	+	+	+	-	+	+	+	+
germanismo	-	-	-	-	-	+	+	+	-
gíria	+	+	+	-	-	-	-	-	-
irônico	+	+	+	+	-	+	-	-	+
pejorativo	+	+	+	-	+	-	-	-	+
plebeísmo	+	-	+	-	-	-	-	-	-
popular	+	+	+	+	-	+	-	+	-
pouco usado	+	+	+	+	-	+	-	+	-
regionalismo	+	+	+	-	-	-	-	-	-
retórica	-	-	+	+	-	+	+	+	+
vulgarismo	+	+	+	+	-	+	+	+	+

* Os dados foram retirados do quadro de abreviaturas de cada dicionário.

QUADRO II

CONTEÚDO na macro e micro- estrutura	Bpop ep	Bpeq ep	B ep- -pe	OC pe- -ep	OC pe	D ep	MA ep	M ep	VB ep- -pe	H ep
americanismos	+	+	+	+	+	+	+	+	-	+
antônimos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
bibliografia do <i>corpus</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
bibliografia lexicográfica	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
classificação gramatical	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
critério p/ classif. uso(*)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
espanhol penin- sular	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
exemplos	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-
ilustração	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
locuções idio- máticas	+	+	+	+	-	-	+	+	-	+
nomes próprios	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-
número preciso de verbetes	-	-	-	+	+	-	-	-	-	-
prefixo	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-
silabação	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
sufixo	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-
uso	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+

* É interessante notar que ele não aparece em nenhum dicionário, quando todos eles apresentam introdução, onde caberiam perfeitamente os esclarecimentos a esse respeito.